**O COTIDIANO DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE BOM JESUS/PI: as narrativas sobre as interações e brincadeiras.**

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo compreender como é configurado o cotidiano de duas escolas públicas da cidade de Bom Jesus/ PI na perspectiva das interações brincadeiras na pré-escola, apresentando as narrativas das professoras sobre a realidade da sua sala de aula. Observamos que, as interações e brincadeiras estão restringindo-se na rotina e sendo mecanizadas pela ideia da produtividade, visando uma antecipação do processo de alfabetização. Dessa maneira, fomos motivadas a trazer o cotidiano dessas professoras que vivenciam diferentes realidades educativas apontando essa relação do brincar e interagir.

O cotidiano da Educação Infantil é repleto de significados e faz com que as professoras possam ser instigadas a construir os seus diários de campo, memoriais, portfólios e outras sistematizações de registro. Compreendemos como necessário registrar a prática docente através do olhar da professora da Educação Infantil, dessa maneira o memorial foi o instrumento utilizado para trazer as representatividades do cenário da sala de aula.

Assim, temos como objetivos específicos apresentar as interações e brincadeiras que são realizadas na prática das professoras; e descrever os seus desafios e possibilidades relacionando o brincar e a rotina exposta pela escola. Assim, escolhemos duas escolas situadas na cidade de Bom Jesus/ PI (esses campos fazem parte da pesquisa do Doutorado em Educação da UFPI), essas instituições são caracterizadas de maneira diferenciada, ou seja, a escola A atende a pré-escola e a primeira etapa do Ensino Fundamental e a escola B é uma creche, instituição destinada e estrutura para atender as crianças de 03 a 05 anos. Neste contexto temos como problemática: como é configurado o cotidiano de duas professoras das escolas públicas da cidade de Bom Jesus/ PI na perspectiva das interações e brincadeiras na pré-escola? Assim, propomos que as professoras possam narrar e apresentar as suas interpretações sobre a realidade vivida.

Conforme Benjamin (1994), o narrador é aquele que aconselha os ouvintes e são contemplados com o senso prático. Nesse caso as narrativas das professoras aconselham, e nos mostram as suas inquietações diante as várias situações que acontecem diariamente. Dessa forma, o seu senso prático, que em Bourdieu (1996) é um sistema continuamente adquirido de percepções e preferências, movem o seu cotidiano no espaço escolar, retirando a ideia do professor como reprodutor de práticas. É como Bourdieu (1989) apresenta em suas ideias, as pessoas são aqueles que agem na sociedade e independente da instituição social que atua, eles usam a sua consciência prática. Sendo essa consciência promovida pelas trocas com os outros atores sociais.

A consciência prática das professoras que atuam na Educação Infantil está registrada através do memorial da prática representando como as interações e brincadeiras são incluídas no plano e socializada nas aulas. Neste sentido, compreendemos que as professoras tem a necessidade de estudar e dialogar sobre maneiras de brincar que possam envolver as crianças no processo educativo, apontando no decorrer da pesquisa que as interações e as brincadeiras precisam incluídas constantemente na rotina infantil.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Realizamos a nossa pesquisa com base na Etnometodologia. Essa teoria do social estuda os métodos empíricos que os atores sociais utilizam para desenvolver as suas atividades diárias, essa base teórico-metodológico, desliga-se do pensamento da sociologia tradicional, configurando o sentido da compressão e não da explicação. Afirmando a importância da Etnometodologia, Coulon (1995, p. 7) relata ao “fato de efetuar uma ruptura radical com modos de pensamento da sociologia tradicional.

Com a proposta de compreender o cotidiano das professoras fizemos uso de dois conceitos chave da Etnometodologia, a prática realização e a indicialidade. Para cumprir com os nossos objetivos, realizamos como primeira etapa a inserção do na nossa pesquisa para ser avaliada pelo comitê de ética, em seguida fomos para o campo realizando a sensibilização da Secretaria de Educação, a direção da escola e das professoras; após esse envolvimento ocorreu a liberação das pesquisadoras no campo e assim construímos uma relação de afeto e confiança para alcançarmos outro conceito chave da Etnometodologia, o ser membro.

Ser membro é conviver e ser aceito pelos atores sociais (participantes da pesquisa), deslocando -se da esfera do estranhamento para a condição de membro filiado. Neste contexto, as duas professoras de escolas diferentes, escolheram o seu nome fictício para preservar a sua identidade e mostraram-se comprometidas em construir o memorial (o nosso instrumento para coleta de dados). O uso do memorial de prática que na concepção de Passeggi (2008, p. 120) o “autor se (auto) avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional [...]”, as professoras apresentam a sua prática movida de sentimentos, relatam os seus desafios e tecem uma rede de significações sobre o que é ser professora da Educação Infantil. Analisamos as falas das professoras trazendo fundamentações e compreensões que interligam com os conceitos chave da Etnometodologia e embasando teoricamente com os autores direcionados com a temática. Diante do exposto, pesquisar através das lentes da Etnometodologia valoriza a coletividade durante o processo, ou seja, o eu (pesquisador) e o outro (o ator social) estão juntos construindo e reconstruindo sentidos na pesquisa.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As histórias e narrativas de vida relatam sobre o ser humano e as suas atuações no mundo e para escrever sobre a realidade social do outro precisamos aprender a ouvir e sentir as ações que ele realiza em seus diversos campos. Podemos relatar que de acordo com Friedmann (1996, p.26) “as vozes dos outros ecoam de alguma forma dentro de cada observador, leitor ou ouvinte. Essas são as conexões de trocas que nos humanizam pela possibilidade de nos colocarmos no lugar do outro”. Ao direcionar o olhar para compreender o cotidiano de duas professoras da pré-escola da rede municipal de ensino de Bom Jesus/ PI, percebemos a necessidade delas em comunicarem as práticas que foram satisfatórias para as aprendizagens dos seus alunos que sejam valorizadoras pelo trabalho desenvolvido em seus campos de atuação. A professora Rapunzel da escola Castelo de flores 1 (nome fictício), relata que: “*Eu cai de paraquedas na Educação Infantil, tava como medo das salas lotadas e tinha crianças com deficiência, eu não sabia como fazer, mas hoje eu gosto dos meus alunos e estudo para dar o melhor, só que é importante os pais reconhecerem os nosso esforço”* (MEMORIAL, 2022). Nas palavras da professora Bela da escola Castelo de Cristal 2, *“sempre amei a Educação Infantil, não paramos é todo tempo olhando as crianças, orientando as atividades, organizando as tarefas e acompanhando. Trabalhamos bastante e escola, os pais precisam vê nosso esforço”.* (MEMORIAL, 2022). As professoras apresentam em suas falas que o cotidiano é dinâmico e intenso, demonstrando que há situações existentes nas suas rotinas que precisam ser superadas. Vivenciando a realidade dessas duas professoras um dos desafios apresentados em seus memoriais é a rotineirização das atividades e a pressão em cumprir com as metas determinantes do sistema. Neste cenário a ideia das interações e brincadeiras ficam secundarizadas e subalternizadas no processo.

Podemos dizer que, as escolas de Educação Infantil não são espaços para guardar ou depositar as crianças, mas para proporcionar a ela o direito a educação. Dessa maneira, no relato da professora Bela, percebemos como ela se comporta na sua sala de aula, mostrando como é essencial ser ativa e movimentar-se na sala para acompanhar as crianças. Assim, a professora da Educação Infantil precisa compreender as infâncias e respeitar a cultura infantil; planejar para atender as necessidades infantis; obter formação para atuar nessa etapa; e desenvolver a sensibilidade para cuidar e educar das crianças. Conforme Oliveira (2008, p. 24) “a formação docente requer, hoje, muita ousadia e criatividade. Tal formação deve considerar que a diversidade está presente na creche e pré-escolas [...]”, quando a autora cita a palavra “diversidade”, ela está se referindo a faixa etária dos alunos, ao número de horas semanais, aos objetivos e programações de atividades que estão inseridas no cotidiano da Educação Infantil.

Observamos que, as professoras da Educação Infantil estão em constante movimento com seus alunos para organizar a rotina e tentar cumprir com os objetivos do dia traçados em seus planejamentos. Dessa maneira, a Professora Rapunzel narrou em seu memorial a necessidade de ter tempo para brincar com seus alunos de maneira que possa fazer com as crianças possam socializar experiências sem estar mecanizadas com a intensão de aprender números e letras e a docente Bela relata em seus escritos a importância da interatividade, coletividade que somente a ação íntima do brincar pode proporcionar. Nas ideias de Machado (2002), a criança se desenvolverá por meio das interações com os outros indivíduos, sendo alimentada pelo adulto em seu processo educacional.

O cotidiano modifica-se em conformidade com as ações realizadas pelos atores sociais. Nesse cenário as crianças de quatro anos, interagem, brincam, obtém a necessidade de conversar e transitar no espaço da sala de aula para se comunicar. Observamos, por meio do memorial das docentes, uma rotina excessiva, limitando a ação do brincar e mostrando uma rotina cansativa para ela e para as crianças, ou seja, uma rotina movida na execução e correção de tarefas. Angotti (2006) expõem que as crianças dentro das instituições pré-escolares podem ser submetidas ao excesso de formalização.

Oliveira (2008, p. 48) diz que “um grande risco de uma proposta pedagógica para Educação infantil é o de institucionalizar a infância, regulá-la em excesso”. A professora Rapunzel é impulsionada simbolicamente pelo poder institucional a controlar os seus alunos e evitar a indisciplina na sua sala de aula, pois os alunos sentados e silenciados, nesse cenário, podem ser considerados como crianças comportadas que compreendem as regras e os acordos estabelecidos na sala de aula.

Na situação da professora Bela, a creche que ela trabalha tem espaços para o brincar (brinquedoteca), tem brinquedos, jogos, tem propostas lúdicas no planejamento e uma organização na estrutura da instituição que pode conduzir as professoras da escola a pensar em atividades e jogos. Porém, a sistematização das atividades e o controle do corpo infantil torna-se presente no processo de aprendizagem, sendo a ação do brincar vista como aquela que desiquilibra o estado de tranquilidade da sala de aula, o brincar traz uma ideia de “bagunça”.

**CONSIDERAÇÕES**

Dentre as narrações expostas nos memorias das docentes, compreendemos que elas se esforçam para desenvolver brincadeiras de roda e outras direcionadas aos campos de experiência na Educação Infantil (intencionalidade curricular), porém a rotina excessiva de atividades; o disciplinamento dos corpos infantis; e a ideia de limitar as práticas lúdicas no cotidiano da sala de aula para atender os objetivos direcionados a essa etapa da educação são pertinentes. A professora Rapunzel vive uma realidade diferente da professora Bela, mas as duas se assemelham quando o assunto são os desafios na Educação Infantil e um deles é a inclusão do brincar associado ao objetivo da: socialização, construção da afetividade, coletividade, compreensão de regras, ideia de partilha e outras vivências que possam ser desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Interações e brincadeiras. Prática docente

**REFERÊNCIAS**

ANGOTTI, M. (org.). **Educação infantil**: para quê, para quem e por quê? Campinas: Alínea, 2006.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: \_\_\_\_\_ **Magia e Técnica, Arte e Política** - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COULON, Alain. **A etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRIEDMANN, A. **O direito de brincar**: a brinquedoteca. 4 ed. São Paulo: Abrinq, 1996.

MACHADO, M. L. A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PASSEGGI, M. C. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, M. C; BARBOSA, T. M. (Org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.